

O BIOMA AMAZÔNIA E SEUS DESAFIOS

O dossiê que chega aos leitores desta revista oferece reflexões de pesquisadores habituados à observação contínua da Amazônia, sua história e suas demandas presentes ou futuras. Os conteúdos falam por si mesmos, expondo ainda mais a qualificação dos autores. É seu propósito inspirar, em todos os grandes centros de pesquisa, desdobramentos que possam trazer novos aportes de conhecimento sobre uma das regiões mais estudadas em nosso planeta.

São ensaios que dispensam análise prévia neste curto espaço introdutório. Agrega-se a esta coletânea de saberes uma oportuna entrevista do cientista Thomas Lovejoy, o mesmo que recentemente, em parceria com o brasileiro Carlos Nobre, publicou o estudo “*Amazon tipping point*”, na revista *Science Advance*, texto de grande atualidade sobre a relação do bioma com os fenômenos climáticos e seus efeitos danosos. Completa-se o dossiê com várias resenhas focadas em obras de referência na literatura ambientalista.

Este dossiê é parte das comemorações que assinalam os 800 anos de existência da Universidade de Salamanca. Enfatiza-se, nestas linhas que conectam passado, presente e futuro, a relevância transcontinental da Amazônia, conforme evidenciado nas páginas seguintes. Dá-se aqui um encontro de competências acadêmicas, ecoando o moderno discurso ambientalista, hoje fundamentado em métricas rigorosas e não mais em retórica ou proselitismos.

As próprias ONGs que atuam na região estudada, outrora guiadas equivocadamente, incorporam biólogos, economistas, gestores e cientistas oriundos de grandes centros nacionais e internacionais de pesquisa. Erige-se, desta forma, uma noção mista de governança, não ortodoxamente oficial, mas endossando ações do Estado, quando acertadas, e questionando suas possíveis falhas, principalmente no que se refere à conservação da biodiversidade. Do lado do governo, cabe mencionar o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), com autonomia acadêmica inscrita na Constituição e sediado no coração do bioma, além do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), voltado para o monitoramento da imensa floresta.

Entre as organizações não governamentais destaca-se o Imazon, emitindo reiteradas advertências sobre a evolução do desmatamento. Os seus índices nem sempre coincidem numericamente com os do Governo, por disparidades metodológicas, mas constituem aferições independentes, de grande valia para a identificação de tendências. Os seus dados formam, assim, um saudável contraponto, que não deve jamais operar com este único objetivo. Defende-se aqui uma parceria crítica e construtiva, e não o permanente e conflituoso duelo de diagnósticos.

A pesquisa científica, integrada virtualmente, já congrega cientistas do mundo inteiro e tem na Amazônia um vastíssimo campo de observação. Aí está o *Large Scale Biosphere-Atmosphere Experiment in Amazonia* (LBA) uma coalizão permanente, reunindo estudiosos nacionais e estrangeiros, com o apoio no Brasil da Embrapa, INPA, INPE e Museu Goeldi, cujos estudos orientam políticas públicas na região. Isso não basta. Urge apoiar mais ainda, e de forma contínua, o adensamento científico local, com investimentos em suas universidades e institutos de pesquisas e tecnológicos.

Toda a Amazônia dispõe de cerca de quatro mil doutores em suas universidades e outros centros de pesquisa. É perfeitamente viável que eles formem pelo menos dois mil novos doutores na região até o final da década em curso. Mesmo assim, nas duas colunas da conta, há insuficiências. Apenas uma universidade pública em São Paulo, a USP, tem mais de cinco mil pesquisadores com doutorado. Será necessário que a expansão de recursos humanos nas academias amazônicas ocorra paralelamente a um robusto incremento de suas verbas aplicáveis em ciência e tecnologia, estacionadas hoje em 2% do total nacional, enquanto a contribuição regional ao PIB do país é de 7,8%.

O que se vai ler é uma aula pública, ministrada por pessoas que tornaram a Amazônia o objetivo basilar de suas pesquisas e projetos de vida. Se alguma recomendação pode emergir de uma simples carta de apresentação, sugerimos aos governos dos oito países amazônicos a leitura dos alertas emitidos pelo entrevistado, autores e resenhistas desta edição dedicada ao Bioma Amazônia.

Thomas Lovejoy, alerta que se o Brasil não evitar que o desmatamento, nesta grande floresta tropical do mundo, supere os 20% de sua vegetação original, a Amazônia, no futuro, simplesmente deixará de ser floresta. Cessarão os benefícios oferecidos na regulação das chuvas e que facilitam a disponibilidade de água em boa parte da América do Sul.

A floresta amazônica encontra-se numa situação-limite em sua capacidade para reciclar os recursos hídricos, por meio da evaporação e transpiração das árvores e suas moléculas orgânicas. Este processo, importante na condensação das nuvens da chuva, dá-se nos períodos de falta de água em várias áreas do nosso continente. A Amazônia, por assim dizer, “exporta” a umidade produzida na floresta. Falamos, portanto, de uma região notoriamente solidária em questões ambientais, o que sempre aguça o interesse e o poder de observação dos cientistas.

Neste dossiê há uma boa mostra do que se faz e do que ainda pode ser feito na região em análise. Qualquer abordagem sobre governança ambiental, conservação de florestas ou recuperação de solos terá, necessariamente, que atribuir centralidade ao papel da Amazônia, tomada esta em sua completude, como bioma único, apesar de geograficamente localizado em oito países. Isto quer dizer que o enfrentamento de seus desafios no contexto das mudanças climáticas exige uma estratégia convergente dos Estados nacionais que compartilham sua imensa biodiversidade, gigantescos estoques de carbono, benefícios ecossistêmicos e também os riscos inerentes à sua grandeza.

O melhor guia para estas ações combinadas está nos conteúdos das Contribuições Nacionalmente Determinadas (CNDs) firmadas no Acordo Global do Clima e nas metas da Agenda 2030 agrupadas em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O cumprimento integral das metas apontadas nesses documentos representará, perante o mundo, um certificado inquestionável de boa gestão ambiental nos países amazônicos.

A Amazônia se mede por suas imensurabilidades. Pelas razões preliminarmente expostas e a seguir aprofundadas neste dossiê configura-se como a região mais simbólica da Economia Verde, que pode vir a ser a mais benéfica e fecunda revolução do nosso tempo.

ORGANIZADORES

Adalberto Luis Val
(MCTIC/INPA, Brasil)

Jacques Marcovitch
(USP)